

# AS RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA NA MIRA DA IMPRENSA ILUSTRADA

The african origins religions under illustrated press look

*Ivete Batista da Silva Almeida<sup>(\*)</sup>*

## Resumo

Compreendendo as representações como sintomas de uma época, como nos sugere Sandra Jathay Pesavento (1999), pretendemos analisar as representações do candomblé e da umbanda, e de seus praticantes, nas fotorreportagens das revistas *Cruzeiro* e *Manchetena* década de 1950, objetivando compreender, por meio de tais representações sociais, o estatuto concedido pela sociedade às religiões de matriz africana no Brasil. Cercadas por uma linguagem visual e discursiva que as representava praticamente como aberrações. As cerimônias e os praticantes de religiões de matriz africana no Brasil passariam a frequentar as páginas de revistas ilustradas não para informar aos leitores sobre as particularidades e valores daquela cultura, mas apenas para entreter, utilizando a máscara do desconhecido para alimentar a curiosidade, a ignorância e consequentemente, o preconceito.

**Palavras-chave:** Imprensa Ilustrada. História Visual. Cultura Brasileira de Matriz Africana.

## Abstract

Understanding the representations as symptoms of an era, as suggested by Sandra JathayPesavento (1999), we intend to analyze the representations of candomblé and umbanda, and their practitioners, in the photo reports of the magazines *Cruzeiro* and *Manchete* in the 1950s, in order to understand, for through such social representations, the status accorded by society to the religions of African origin in Brazil. Surrounded by a visual and discursive language that practically represented them as aberrations. The ceremonies and practitioners of religions of African matrix in Brazil would happen to frequent the pages of illustrated magazines not to inform readers about the particularities and values of that culture, but only to entertain, using the mask of the unknown to feed curiosity, ignorance and consequently prejudice.

**Keywords:** Illustrated Press. Visual History. Brazilian Culture with an African Matrix.

## 1INTRODUÇÃO

Quando pensamos questão da transformação do outro como objeto do espetáculo, acompanhamos a leitura de Debord, para quem “o espetáculo não é apenas a apresentação de um farto conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens”. (DEBORD, 1997, p.14).

Tomada como testemunha da verdade, a imagem potencializa a representação do real, permitindo a exposição, ou mesmo a superexposição dos indivíduos de maneira

---

<sup>(\*)</sup>Doutora, mestre e licenciada em História Social pela Universidade de São Paulo. Professora Adjunta da Universidade Federal de Uberlândia. Líder do Grupo de Pesquisa *Estudos Negros* – CNPq-UFU. Área de concentração das pesquisas: Representações, História visual da Cultura afro-brasileira e da Cultura africana. Pesquisa financiada pela FAPEMIG. E-mail: [ivetebalmeida@gmail.com](mailto:ivetebalmeida@gmail.com).

espetacular, reconstruindo o mundo e mesmo auxiliando na criação de estereótipos, ou seja, de modelos reducionistas, a partir de uma intensa oferta de recortes, selecionados, enquadrados e organizados, a serviço dos princípios ideológicos que norteiam a elaboração de uma narrativa quase que teatral sobre o outro.

Tal narrativa, contudo, nos fala mais sobre os valores e princípios das sociedades por onde circulam, do que sobre o objeto propriamente dito. Isso, porque as representações construídas sobre as culturas de matriz africana, como todas as representações sociais, nos falam mais sobre os valores e recortes daqueles que elaboram tais representações, do que sobre o objeto apresentado. Isso, porque, segundo Moscovici: “Todas as interações humanas, surjam elas entre duas pessoas ou entre dois grupos, pressupõem representações” [...] que, embora sejam, interpretações e ideias, “constituem-se, para nós, um tipo de realidade”. (2007, p. 33 e 37).

O desconhecimento e o preconceito acompanharam, e ainda acompanham, as interpretações sobre as religiões brasileiras de matriz africana, o candomblé, com seu conjunto de símbolos e cerimônias, desde os tempos da colônia, conviveu com os olhares e os julgamentos daqueles que se negavam a vê-lo como uma manifestação cultural rica e complexa. Esse desconhecimento, sobretudo durante as décadas de 1950 e 1960, alimentou, tanto na imprensa nacional, quanto na estrangeira, o desejo por apresentar tais manifestações religiosas como espécimes exóticos.

## 2 CANDOMBLÉ E UMBANDA PELO OLHAR DA IMPRENSA ILUSTRADA

Durante a primeira metade do século XX, duas linhas de pensamento divergentes tinham o candomblé e também a umbanda no centro de suas atenções: a Antropologia Cultural, com os estudos sobre a retenção de elementos culturais africanos na formação da cultura brasileira – como nos estudos de Edison Carneiro e Melville Herskovits - e os antigos adeptos do darwinismo social, de Spencer, que acreditavam na existência de uma linha evolutiva entre as culturas, na qual, as culturas europeias se encontrariam no topo – da evolução, da civilização – e as culturas africanas na base, como expressão da selvageria, do exótico, da barbárie.

Essa oposição entre civilização e barbárie e, principalmente, o impulso de olhar para a cultura africana como um produto exótico, não se restringia a um comportamento visível somente no Brasil, mas sim recorrente em outros circuitos intelectuais; em 12 de maio de 1951, uma reportagem que tinha por foco o ritual de iniciação dos seguidores

do candomblé na Bahia, era publicada pela revista francesa *Paris Match*. Ilustrada com fotos do famoso cineasta francês Henri George Clouzot – casado com a brasileira Vera Clouzot - a reportagem seria causadora de uma grande polêmica, da qual tomariam parte intelectuais como o antropólogo Roger Bastide - então professor da Universidade de São Paulo – praticantes do candomblé e diferentes setores da sociedade civil.

A revista francesa, em tom sensacionalista, alardeava a publicação inédita de fotos de um “ritual sangrento de iniciação”, demonstrando nitidamente seu objetivo de provocar impacto, de apresentar um produto exótico ao público francês, de chamar a atenção para a revista, que objetivava atrair o público leitor e comprador, como todo produto de consumo de massa. Segundo Peter Osborne (2000), o ato de trazer temas sobre culturas distantes e trata-los como exóticos, era uma estratégia consagrada pela imprensa ilustrada desde seu surgimento. Não havia na matéria a intenção de informar, analisar ou interpretar, mas sim, chocar; essa intenção se torna perceptível pelas palavras utilizadas na chamada principal, intitulada – *Les possédées de Bahia* – palavras mais fortes que as próprias imagens, que, na primeira página, limitam-se a um conjunto de três cenas em que um suposto pai-de-santo baiano identificado por Pai Rufino, prepara a cabeça de um de seus filhos de santo.

Roger Bastide, estudioso do candomblé, foi quem mais enfaticamente posicionou-se contra a reportagem da *Paris Match* e tornou pública sua indignação por meio de dois textos veiculados na revista *Anhembi*. A revista que fora fundada por Paulo Duarte, logo após sua saída do OESP, em 1950, abriu espaço para acadêmicos e intelectuais, brasileiros e estrangeiros divulgarem suas pesquisas. Quanto ao protesto de Bastide, Fernando Tacca, autor de *Imagens do sagrado*, nos conta que:

O primeiro artigo criticava duramente a reportagem francesa, enquanto- o segundo, a partir da leitura do livro de Clouzot, relativizava essa crítica, pois, de certa forma, Bastide encontrou espaço para debate acadêmico, que está no seu famoso livro, publicado- em 1958, *Candomblé da Bahia: rito nagô*, um clássico da antropologia.<sup>1</sup>

O desagrado de uns e a curiosidade de outros, colocaram a matéria em evidência no meio jornalístico, chamando a atenção dos editores da revista brasileira *O Cruzeiro* que, em 1951, resolveu entrar na disputa pelo prestígio de revelar os mistérios das religiões afro-brasileiras. Decididos a publicarem uma matéria muito mais impactante que a da *Paris Match*. Conforme a narrativa de Tacca, o fotógrafo e antropólogo Pierre

---

<sup>1</sup>Tacca, Fernando de. *O Cruzeiro versus Paris Match e Life Magazine: um jogo especular. LÍBERO- Revista do Programa de Pós-graduação da Faculdade Cásper Líbero- Ano IX - nº 17 - Jun 2006, p. 64.*

Verger – antropólogo, etnólogo, estudioso das religiões e iniciado no candomblé - teria sido procurado pela *O Cruzeiro*, para fornecer-lhes imagens melhores que as da *Paris Match* sobre os rituais, mas não quis colaborar. Para a imprensa o que estava em jogo não era a aceitação do candomblé como expressão cultural legítima, com seus códigos, símbolos e rituais, mas sim a conquista do mercado, o recorde de tiragens e a conquista de novos investidores e anunciantes, mesmo que isso custasse a manutenção de uma imagem distorcida, sobre o outro.

Utilizando-se do poder dos *Diários Associados* – empresa da qual *O Cruzeiro* fazia parte - e, já desejando transformar a matéria encomendada num grande acontecimento polêmico, os editores decidem veicular o assunto, que iria compor a edição da revista de setembro, em chamadas do matutino *Diário de Notícias* – também dos *Diários Associados* de Chateaubriant - antes mesmo da chegada da *O Cruzeiro* nas bancas.

A imagem que aparecia na primeira página do *Jornal de Notícias*, correspondia à uma cena na qual, uma *yaô*, sentada, olhos fechados, cabeça raspada, era banhada, a partir do topo de sua cabeça, por sangue de uma ave, cujo corpo e as penas ainda eram visíveis, e que se encontrava suspensa pelas mãos de uma pessoa – a qual não vemos de corpo inteiro - e que aparentemente, comandava o ritual. A iniciada é mostrada em meio perfil, em plano americano, olhos fechados, sentada no chão, em posição meditativa. A imagem, era paradoxal, pois contrapunha a posição tranquila e equilibrada da *yaô* à imagem do animal morto, vertendo sangue sobre sua cabeça. Imagem essa que, em nosso repertório visual ocidental, moderno e urbano seria imediatamente associada a ideias negativas: sangue-violência; sangue-ritual demoníaco; ao invés de ser associada à ideia de força vital, como acontece no referencial simbólico das religiões de matriz africana. Reforçando a ideia da relação entre sangue-violência-cultos demoníacos, a matéria vinha acompanhada do título “os deuses têm sede de sangue”, título que deixa clara a intenção de provocar o espanto e não de explicar ou informar sobre o ritual apresentado.

Importante perceber que estamos diante de um processo de criação de um objeto peculiar; da criação de um espetáculo midiático. A grande imprensa ilustrada dos anos de 1950, cumpria no jornalismo brasileiro a missão de encantar e seduzir o seu leitor, de interpretar-lhe a realidade e leva-lo onde ele provavelmente jamais iria; nas palavras de Assis Chateaubriant, no editorial do primeiro número da *Cruzeiro*, a função da revista seria agir como uma escola de bom gosto, ensinando ao leitor, o que era belo, o que era bom, o que era civilizado ou não.

Apenas essas primeiras imagens, publicadas inicialmente no *Diário de Notícias*, já fizeram com que religiosos conservadores e praticantes do candomblé começassem a se posicionar e a polemizar sobre o assunto, mesmo antes da publicação da revista, e era justamente o que os *Diários Associados* desejavam. Conforme sua pesquisa, Tacca (2006) nos descreve:

O lançamento da reportagem de O Cruzeiro foi precedido de ampla divulgação na Bahia, com boxes em jornais, anunciando a chegada da revista a Salvador. Foram cinco edições entre os dias 11 e 14 de setembro de 1951, sendo que, nesse último dia, antes da chegada da revista, foi publicada uma das imagens mais fortes na contracapa do jornal *Diário de Notícias*, de Salvador. Se a própria reportagem já seria um choque, a inserção de chamadas, antes da chegada da revista, criaria um clima de verdadeira tensão no meio do candomblé. Os dados de tiragem da revista revelam que, nessa edição, ela passou de 300.000 para 330.000 exemplares. A revista sabia, assim, do impacto que estava causando com a reportagem.<sup>2</sup>

Trezentos e trinta mil exemplares equivaleriam a um número, no mínimo seis vezes maior de leitores, tomando-se como possibilidade o fato da revista ser lida nos lares, entre a família, no escritório, e outros lugares em que a seria compartilhada. Portanto, não é exagero dizer que uma tiragem de mais de trezentos mil exemplares atingiria em média, mais de um milhão de pessoas, ou seja, em um Brasil que possuía uma população urbana de aproximadamente 30 milhões de habitantes, um milhão de pessoas correspondia à aproximadamente, 3,5% dessa população. Um tema lançado pelo *Cruzeiro* alastrava-se como pólvora com facilidade, ainda mais um tema como este que trazia novamente à tona a questão do exótico e do desconhecido.

Em 15 de setembro de 1951, a revista *O Cruzeiro*, publicava a sua matéria sobre o tema<sup>3</sup>, trazendo fotos que foram consideradas chocantes. Ocupando praticamente toda a primeira página, eram apresentadas as fotos de um momento do rito de iniciação de uma *yaô*, o momento era o da raspagem de sua cabeça. No interior da revista, outras 35 fotografias foram incluídas, apresentando parte da etapa seguintes do ritual; o sacrifício da ave sobre a cabeça, a pintura do corpo, a meditação em estado de transe, dentre outras. As imagens eram fortes. Ângulos e recortes intensificavam o aspecto dramático das fotografias. De autoria de José Medeiros, tecnicamente, as fotografias eram perfeitas; realizadas sob baixa luminosidade, traziam mesmo assim, alto grau de

<sup>2</sup>Tacca, Fernando de. O Cruzeiro versus Paris Match e Life Magazine: um jogo especular. *LÍBERO* - Revista do Programa de Pós-graduação da Faculdade Cásper Líbero - Ano IX - nº 17 - Jun 2006, pp 64.

<sup>3</sup>*As noivas dos deuses sanguíneos*. Reportagem de O Cruzeiro, 15 de setembro de 1951.

definição entre o preto profundo e o branco. As expressões da mãe-de-santo – Mãe Riso – durante a epilação, o olhar da jovem yao, toda a riqueza de detalhes mostra o apuro técnico do material. Todavia, ao contrário da riqueza de detalhes das imagens, o texto extremamente pobre de esclarecimento e informação, recaía apenas no sensacionalismo a começar pelo próprio título da matéria: *As noivas dos deuses sanguíneos*; título claramente apelativo e não informativo, pois induzia o leitor à associar a cerimônia e seus elementos – a iniciada, o sangue – à elementos demonizantes, como já falamos, e não à uma compreensão do sangue como símbolo da vida, e no caso, da nova vida que a iniciada passaria a ter a partir de então. Vale lembrar que não apenas no candomblé o sangue se associa à vida, e especificamente à uma nova etapa da vida, mas também no rito cristão, o vinho da eucaristia, representa o sangue do Cristo, que simboliza, justamente uma nova vida para os cristãos “a nova e eterna aliança”.

A fotorreportagem feita em Salvador, com fotos de José Medeiros e texto de Arlindo Silva teve grande repercussão, primeiramente pelo choque cultural que provocava, trazendo elementos de grande força simbólica, deliberadamente, associados à referenciais que não condiziam com os princípios do candomblé, e que todavia, só poderiam ser de fato entendidos se interpretados a partir da compreensão da lógica interna daquela religião e não a partir do referencial visual das culturas burguesas, ocidentais e urbanas, como também pelo viés ético, porque traziam imagens de um ritual considerado sagrado para os praticantes, e que deveria ser visto somente pelos iniciados. O texto de *O Cruzeiro*, não tinha nenhum comprometimento com o esclarecimento do leitor leigo, pois, como de costume, para as fotorreportagens, o texto não era o mais importante, não eram feitas pesquisas que dessem suporte para a compreensão dos fatos, a força da mensagem estava em aliar fotografias impactantes à livre interpretação de um objeto completamente desconhecido para o repórter, abrindo caminho para toda a sorte de preconceitos e interpretações demonizantes.

Segundo Tacca (2006), entre os intelectuais, a matéria foi entendida como sensacionalismo<sup>4</sup>, mas teria caído *como uma bomba nos meios religiosos baianos, cujos*

---

<sup>4</sup>O impacto da reportagem de *O Cruzeiro* teria sido maior entre o leitor comum. Em sua reportagem, *O Cruzeiro* não teria citado a sua congênere *Paris Match*, que publicara a matéria inicial, e essa omissão teria acontecido por duas principais razões: primeiro, o candomblé não era uma questão nacional, e sim local, tanto que a principal divulgação da reportagem se deu precisamente em Salvador; segundo, teria havido um interesse maior entre os intelectuais pela polêmica instaurada sobre a reportagem de *Paris Match* – interesse maior do que pela reportagem de *O Cruzeiro* -, tendo sido a francesa, traduzida, na íntegra, pelo jornal *A Tarde*, de Salvador, em julho de 1951. Tacca, Fernando de. *O Cruzeiro versus Paris Match e Life Magazine: um jogo especular*. *LÍBERO*- Revista do Programa de Pós-graduação da Faculdade Cásper Líbero - Ano IX - nº 17 - Jun 2006, pp 66.

*representantes abominaram a ideia de os segredos do candomblé serem revelados e, principalmente, a forma irresponsável, como teriam sido apresentados.*

Embora todo ritual religioso, em todas as religiões traga o sacrifício como elemento primordial, seja ele moral, físico ou material, as imagens daquela cerimônia, descritas de maneira preconceituosa, provocaram forte impacto, pois deliberadamente dava-se destaque à elementos que suscitavam associações errôneas, como o sangue, que no título vinha associado a um impulso violento ‘sanguinário’ dos deuses, e não ao princípio de energia vital, como de fato é compreendido pelos praticantes, da mesma forma o transe, a reclusão, são apresentados de maneira completamente descontextualizada, provocando revolta e surpresa tanto entre os não praticantes quanto entre os praticantes do candomblé.

Ao contrário da matéria da *Paris Match*, que trazia a imagem de dois homens: um pai de santo e um iniciado; a matéria da *Cruzeiro* nos apresentava imagens de um ambiente ocupado principalmente por mulheres. Em seu livro, Tacca descreve que a reação foi tão intensa que, começou a circular uma notícia de que as iniciadas fotografadas haviam enlouquecido após a publicação das fotos, que o terreiro teria sido destruído e que a mãe-de-santo havia sido assassinada. Embora até hoje, cinquenta anos depois, essas histórias de perda da razão, violência e assassinato das envolvidas ainda circulem pela internet, as pesquisas e as entrevistas com os parentes das envolvidas demonstraram que nada aconteceu assim. A reação da Federação Baiana de cultos Afro-brasileiros, na época tenha se posicionado de maneira contrária à decisão de Mãe Riso de permitir a realização das fotos, ela não foi expulsa da comunidade, nem fora assassinada, faleceu apenas em 1993, aos 73 anos<sup>5</sup>, sendo homenageada pela comunidade do candomblé no Rio de Janeiro.

Embora tenha sido o episódio mais lembrado sobre o tema, na história da *Cruzeiro*, a reportagem de Medeiros não foi a primeira a usar as imagens das religiões de matriz africana como chamariz para o exótico. Com texto de Edmar Morél<sup>6</sup> e fotografias de Edgard Medina, a reportagem *Eu fui girar na linha da umbanda*, de

---

<sup>5</sup>Tacca, Fernando de. O *Cruzeiro* versus *Paris Match* e *Life Magazine*: um jogo especular. *LÍBERO* - Revista do Programa de Pós-graduação da Faculdade CásperLíbero - Ano IX - n° 17 - Jun 2006, p. 63-71.

<sup>6</sup>Em *Cobras Criadas*, Luiz Carvalho se refere a matéria “Eu fui girar na linha da umbanda”, como a grande reportagem da dupla Morel e Medina, no mês de abril de 1944, destacando ainda a matéria fotográfica “Jangadas do Nordeste”. Todavia, embora Carvalho aponte que: “Eu”, no caso, era ninguém menos que Josephine Baker, a quem Morel apresentou o terreiro de Mãe Dede, em Belford Roxo, na Baixada Fluminense”; na reportagem, Morel diz tratar-se do Terreiro do Caboclo Cobra Coral – e não Terreiro da Mãe Dede, como afirma Carvalho – além de não fazer nenhuma referência a presença de Josephine Baker.

1944, pela *Cruzeiro*, descrevia uma cerimônia, no Templo do Caboclo Cobra Coral, afirmando ser: uma reportagem absolutamente autêntica”, no templo de umbanda cuja fama seria grande e apontando que seu grande mérito, entre outros, seria o de estar sendo fotografado pela primeira vez.

Apenas a “Casa de Exu” – o templo do diabo – e a “Bandeja do mistério”, apesar de visitados por Edmar Morél e Edgard Medina, não puderam ser focalizados por ordem expressa de “Baba-laô”. A macumba que apresentamos aos leitores foi surpreendida em pleno funcionamento, sendo, desta maneira, colhidos detalhes inéditos do impressionante cerimonial.

O destaque, das lentes de Medina chamar a atenção para a paramentação do pai de santo, cuja cabeça estava ornamentada por um grande cocar, e para a organização do ritual, as danças e as expressões dos rostos em transe que marcariam as imagens. A distribuição das fotografias em enquadramentos que incluíam vários personagens em ação dá ao leitor produzir no leitor a ilusão de estar presenciando as pessoas em movimento.

É revelador o fato de que, tal qual a reportagem icônica da *Cruzeiro*, descrita anteriormente, nesta, da *Manchete*, a fala também não é informativa, ou explicativa. Os gestos, símbolos e etapas dos rituais não são apresentados a partir de uma explicação de seus significados para os praticantes, mas a partir de impressões do olhar externo do jornalista. É o limite de compreensão e interpretação do repertório de referenciais culturais e visuais do jornalista que limita o texto. As cenas eram descritas a partir do que o repórter imaginava estar vendo, não há explicações mais precisas, dadas ao repórter, por parte dos praticantes, deixando livre a interpretação e imaginação de quem as escrevia. Em uma das fotografias centrais, lê-se a identificação de Morél para um dos participantes fotografados: “Um dos fanáticos vai cair em transe. A sua fisionomia está desfigurada. Sacode a cabeça agitadamente e tem-se a impressão que esse velho *cambone* enlouqueceu.” As expressões “fanático”, “fisionomia desfigurada”, “aflitamente” e “enlouqueceu” indicam que o exercício feito jornalístico não foi o de procurar descobrir os significados daqueles movimentos e procedimentos, mas apenas julgá-los a partir do ponto de vista de alguém que desconhece totalmente a tradição do ritual. Pela expressão utilizada pelo jornalista, entende-se que estava ele em um terreiro de umbanda, pois Morél destaca a presença dos *cambones* – subordinados – que auxiliavam o pai-de-santo e também das *sambas*, que cantavam durante a cerimônia. A imagem final, apresenta o Caboclo Cobra Coral, num enquadramento em plano americano, em um meio perfil, como que girando o tronco, conferindo a impressão de

flagrante, intensificada pelo olhar de um certo espanto do Caboclo, que tem bem visíveis na fotografia a plumagem de suas roupas e a espada de Ogun, que empunha na mão direita. A imagem, é grandiosa e, portanto, imprime intensidade ao texto escrito; todavia, uma vez que a mensagem do texto não é informativa, ao contrário, desinforma e alimenta o preconceito. Nesse contexto, o sentido ampliado pelo poder da imagem é justamente o sentido do exótico.

Em 1953 a *Revista Manchete* também segue a via do preconceito com a matéria:

Cresce a macumba no Brasil? ” Em fins do século XIX havia vinte candomblés na Bahia; hoje existem lá tantas casas de culto fetichista quantas são as igrejas – O espantoso progresso do batuque no Rio Grande do Sul – Causas principais da disseminação da macumba entre nós. ” (*Revista Manchete* 04 de abril de 1953, p. 33-34)

Resgatando os estudos de Nina Rodrigues, nitidamente influenciado pela perspectiva evolucionista do darwinismo social, o repórter da *Manchete* inicia apontando para o fato de Salvador ter menos igrejas do que se pensa e mais terreiros do que o que declara, resgatando a “contabilidade” de Nina Rodrigues, que estimou, em seu tempo, entre quinze e vinte candomblés na capital baiana. Em seguida, aponta os estudos de Edison Carneiro que em, 1948, contabilizara cem terreiros. Segundo a reportagem de Krebs, a secretaria de Segurança declarava acreditar que existissem quatro vezes mais do que estimara Carneiro; e segue analisando da seguinte forma o crescimento dos terreiros:

[...] aparentemente existe um contra-senso entre tal ascensão e o decréscimo do analfabetismo, se considerarmos tais religiões (candomblé e umbanda) como próprias de uma classe inculta ou ignorante. De fato, a estatística demonstra que o fetichismo aumenta enquanto cresce o índice de alfabetização. Por que o fenômeno desse crescimento?

Pelo raciocínio corrente, o lógico seria esperarmos uma marcha diretamente proporcional entre os dois. A baixa de um determinaria a baixa do outro. No entanto, o inverso é o que se verifica. (*Revista Manchete* 04 de abril de 1953, p. 33-34)

Associando candomblé à “práticas das camadas incultas”; retomando a velha associação preconceituosa entre África e barbárie, o repórter, - completamente avesso ao conceito antropológico de cultura - além de identificar como cultura somente aquilo que se remete à tradição europeia, associa diretamente alfabetização e analfabetismo às escolhas individuais da expressão da religiosidade; apoia ainda seus argumentos em estudos sobre Pernambuco, Rio Grande do Sul e Bahia, para sustentar sua própria interpretação sobre o “estranho fenômeno”:

A primeira delas, e que nos parece fundamental, é o contato direto com a divindade, proporcionado pelo culto fetichista. Nas outras religiões monoteístas, de maneira geral, este contato da criatura com o Deus único é muito remoto, estabelecendo--se através da

prece, e da comunhão em algumas. [...] Ora, no fetichismo brasileiro, herdado dos africanos, tudo se passa ao contrário. O “crente” se é “feito”, isto é, se é “filho” ou “mãe”, ou “pai” de santo pode receber –e recebe geralmente – no seu próprio corpo a visita da divindade, é o fenômeno do transe (...) Já pensaram, alguma vez, os que não têm intimidade com o assunto, na força convincente deste fato? (*Revista Manchete* 04 de abril de 1953, p. 33-34)

Aponta ainda como motivos que levariam ao crescimento dessas religiões, o fascínio pelo sobrenatural e, citando Herskovits, aponta também como razão a ideia de um sentido, uma missão, para a vida das pessoas. E, para finalizar conclui com Gilberto Freyre:

Para finalizar diremos que, no fundo de tudo está a maior de todas as causas. É a massa do sangue negro que corre nas veias de uns 33% de nossa população negra pura e mulata. É o mestiçamento psicológico da maioria branca, denunciado por Gilberto Freyre, maioria branca que em grande parte se criou junto com o preto, que mamou leite branco nos seios generosos das babás negras, que se iniciou no amor com a carne trigueira das mucamas jovens. Ou que possui algumas, muitas talvez, dessas brasileiríssimas “Nega Fulô”, tão bem cantadas por Jorge de Lima.<sup>7</sup>

A reportagem não só não aceita o valor cultural do candomblé, como o vê como um retrocesso nocivo. Obviamente, temos aqui, a reprodução da ideia do ‘outro’ como exótico, bizarro e inferior. Podemos estabelecer uma comparação entre o caso das representações de manifestações culturais do Nordeste e o da construção da representação do Oriente, pelo Ocidente, como processos elaborados de maneira praticamente desconectada da realidade. Para Edward Said, essa representação foi necessária para que o Ocidente identificasse a si mesmo, encontrando um “outro”, o oriental, que o ajudasse, por diferenciação, a se reconhecer. Constrói uma ideia exótica e romântica que o Ocidente tem do Oriente. Para Said<sup>8</sup>, a construção das representações sobre o Oriente, estaria fundamentada a partir na cristalização de imagens e estereótipos que o associavam àquilo que fosse inferior, bizarro e subdesenvolvido. Para o autor, o Oriente seria uma invenção do Ocidente que a cria, como uma imagem invertida num espelho, para legitimar a identidade de desenvolvimento e racionalidade eurocêntrica. Da mesma forma, podemos dizer que o Nordeste estereotipado, também é mera

---

<sup>7</sup> *Revista Manchete*. 04 de abril de 1953 – “Cresce a macumba no Brasil?” – p. 33 e 34; reportagem de Carlos Galvão Krebs.

<sup>8</sup> Em sua obra, Said discute a formação da representação do Oriente, produzida pelo Ocidente, partindo dos diversos estereótipos cristalizados na fala de pensadores e, principalmente da literatura, ele promove uma reflexão sobre o conceito e sobre a possibilidade de compreendermos de fato, o que é cultura, e, principalmente, como compreender a cultura “do outro”. SAID, Edward. *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Cia das Letras, 1991.

invenção do Sudeste, que criava uma imagem invertida de si mesmo, para reforçar sua positividade.

Interessante observar que, no universo do ocultismo, não somente o candomblé e a umbanda chamavam a atenção das revistas. Matérias sobre práticas religiosas de grupos do interior do país, ou mesmo as particularidades das igrejas protestantes da população negra norte americana, frequentavam as páginas da *Cruzeiro*.

Ainda no ano de 1944, o mundo do desconhecido e do sobrenatural também foi alvo das investigações de David Nasser e Jean Manzon. Na reportagem Detetive do Além, as lentes de Jean Manzon registravam o médium Chico Xavier em diferentes situações, em transe, sentado dentro de uma banheira, em busca de almas ou em *close up*, franzindo o cenho. As imagens conferiam grande destaque para o rosto, pois nos olhos, e também nas mãos, marcavam-se os gestos e as expressões características da ação do transe mediúnic. O texto de Nasser oscila entre a descrição e a ironia: “Chico Xavier se concentra! Suas mãos ossudas espremem a testa. Seu pensamento vaga pelas regiões perdidas do além. Por que será que nunca vem o espírito de um pintor, de um músico? Ou de um matemático?”

Embora as imagens ocupem a maior parte das oito páginas de reportagem, o texto da entrevista de Nasser com Chico Xavier traz alguns poucos momentos em que o repórter faz as vezes de mediador, e auxilia o olhar do leitor, apresentando uma opinião, e uma análise sobre o entrevistado: “Chico parece ser um bom sujeito. Suas ações, mesmo além do terreno religiosos propriamente dito, são ações que o recomendam como alma pura e de nobre sentimentos. (Revista *Cruzeiro*, 12 de agosto de 1944, p.03).

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora as palavras sejam menos pejorativas do que no caso das matérias sobre as cerimônias de candomblé e umbanda, o juízo de valor e a desconfiança, tomam o lugar que deveria ser ocupado pela pesquisa, pela informação e pelo esclarecimento. Estes episódios são apenas alguns, dentre muitos dos que trouxeram à tona o confronto entre um projeto de cultura europeia burguesa e o desejo de manutenção de manifestações culturais legítimas em nossa cultura. Como coloca Albuquerque Jr, ao trabalhar com o *OESP* como uma de suas fontes para o estudo das representações sobre o Nordeste, tal leitura burguesa, europeizante e preconceituosa, seria produto de um exercício de imposição de superioridade, no qual uma elite branca desejava virar as costas para o que

de fato era a cultura brasileira, desejando impor como modelo de desenvolvimento para o Brasil os valores e costumes europeus. Para Albuquerque Jr, desde os anos de 1920, o nordestino apareceria na imprensa como “um bom tipo para espetáculos de humor”; na mesma medida a cultura e a religiões afro-brasileiras teriam na mídia apenas o espaço legado ao bizarro e ao exótico.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Joaquim Marçal. *História da Fotorreportagem no Brasil*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

ALBUQUERQUE JÚNIOR. Durval Muniz. *A invenção do Nordeste e outras artes*. Recife: FJN, Massangana; São Paulo: Cortez, 1999.

CARVALHO, Luiz Maklouf. *Cobras Criadas: David Nasser e o Cruzeiro*. São Paulo: SENAC, 2001.

DEBORD, Guy - *A Sociedade do Espetáculo*. Tradução Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto. 5ª reimpressão. 1997.

FRANCISCHETT, Leandra. 50 anos do assassinato de Aída Curi – O fotojornalismo fazendo escola na revista O Cruzeiro. *Revista da Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação. Portugal, 2008*.

MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

OSBORNE. Peter (2000). *Travelling Light: Photography, Travel and Visual Culture*. Manchester and New York: Manchester University Press.

PESAVENTO, Sandra Jatahy (1999). *O imaginário da cidade: Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre - Visões literárias do urbano*. Porto Alegre: Universidade; UFRGS.

REVISTA MANCHETE. 04 de abril de 1953 – “Cresce a macumba no Brasil?” – Reportagem de Carlos Galvão Krebs.

SAID, Edward. *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Cia das Letras, 1991.

SILVA, Arlindo. As noivas dos deuses sanguinários. Reportagem de **O Cruzeiro**, 15 de setembro de 1951.

TACCA, Fernando de. *Imagens do Sagrado*. Campinas, SP: Unicamp, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

(Recebido em maio de 2018; aceito em junho de 2018)